

O MOVIMENTO DE VALORAÇÃO/REAÇÃO NA GENEALOGIA DE NIETZSCHE

DANILO ROSA GONÇALVES¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo do século XIX que ficou bastante conhecido por sua crítica à moral, principalmente à moral cristã. Em sua obra *Genealogia da Moral* (GM), lançada em 1887, que acaba sendo um complemento à obra anterior *Além do Bem e do Mal* (BM) que foi lançada em 1886, Nietzsche se aprofunda em seu estudo genealógico sobre a moral. Neste escrito ele trata dos conceitos de bom e mau – os quais nos deteremos neste texto –, culpa, má consciência e também trata dos sacerdotes ascéticos.

A primeira dissertação intitulada “‘bom e mau’, ‘bom e ruim’” tem seu foco em descobrir a origem desses conceitos e de que forma eles são entendidos durante a história da humanidade. Para entender a motivação de Nietzsche neste projeto, é preciso compreender que os valores morais possuem um “enraizamento em impulsos e hábitos” (ARALDI, 2017, p. 3). Ou seja, se os valores possuem sua base nos impulsos, é possível analisar quais são os impulsos que formaram os valores que estão em voga e compreender quais são suas consequências em um povo. É válido mencionar que os impulsos são “uma ramificação orgânica da vontade de potência” (MARTON, et al., 2016, p. 270). E essa vontade de potência é uma luta de forças, umas mais fortes e outras mais fracas. Dessa luta surgem as hierarquias. Mas não é uma hierarquia de valores, é uma hierarquia desses impulsos, ou seja, o mais forte ganha contra o mais fraco. Dessa forma, o projeto de Nietzsche será fazer uma hierarquia dos valores morais com base nestes impulsos.

Desta maneira, Nietzsche entende que os fisiólogos, médicos e psicólogos são responsáveis por analisar estes valores que auxiliarão o filósofo do futuro. Assim, Nietzsche põe para si também esta responsabilidade, no papel de genealogista. No primeiro parágrafo da primeira dissertação, vemos que o filósofo alemão fala dos psicólogos ingleses, que estavam fazendo esse trabalho que foi tão interessante aos olhos do nosso filósofo, porém executados de maneira errônea. Dessa forma, Nietzsche adiciona o elemento histórico como metodologia para sua análise.

Tendo estabelecido esta nova maneira de analisar, Nietzsche define, então, que “foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons [...]” (NIETZSCHE, 1998, p.19). Dessa forma, fica claro que existirá uma luta entre opostos. Mas, antes, é preciso lembrar que, mais adiante, Nietzsche fala que estas ações *boas* não eram ligadas a ações egoístas, característica que era colocada nas definições dos psicólogos a que o filósofo da suspeita se opõe. Como Araldi aponta, uma das características fundamentais no texto de Nietzsche é “a defesa do egoísmo como necessário para a geração dos fenômenos morais” (ARALDI, 2008, p. 36). Para estes psicólogos, os valores das ações foram classificados quanto à sua utilidade apenas.

¹ Estudante de graduação em licenciatura do curso de filosofia – IFISP – UFPel; Bolsista PIBIC-CNPq; danilogud@hotmail.com;

² Orientador. Professor do DFIL - IFISP – UFPel; clademir.araldi@gmail.com.

Deixaremos de lado a análise etimológica que Nietzsche faz dos termos em grego, em latim e outras referências culturais que ele traz no texto para focarmos nossa atenção no movimento que o povo cristão fez de inversão de valores. Contudo, salientamos que o estudo etimológico de Nietzsche “constata que em todas as línguas a palavra ‘bom’ deriva de uma mesma transformação conceitual” (MARTON, et al., 2016, p. 312). Ou seja, sempre relacionados ao sentido de ordem social, ao sentido de nobre.

A característica fundamental no movimento de inversão de valores do povo judaico-cristão é o ressentimento. Nas palavras de Nietzsche, “– a rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores [...]” (NIETZSCHE, 1998, p. 28). Gostaríamos de destacar a sutileza de Nietzsche neste ponto ao dizer que esta rebelião é *escrava*, ou seja, não é uma valoração – criação de valores – da moral forte, mas sim da fraca. Ou melhor, não é uma valoração, é uma inversão dos valores. Já no parágrafo anterior o filólogo alemão deixa claro que “o povo venceu” (NIETZSCHE, 1998, p. 28). Mas o povo, nesse sentido, é o homem comum, o homem do rebanho, o judeu.

A moral destes escravos nasce de um “Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’” (NIETZSCHE, 1998, p. 29). Mas este “Não” a algo que é fora não é uma afirmação de si mesmo. Na verdade, esse “Não” torna-se uma necessidade, uma necessidade de que o mundo seja oposto a si. Esse ressentimento é um envenenamento. É válido lembrar que em Nietzsche, a moral possui uma forte carga fisiológica, então esse envenenamento está relacionado não só à uma tábua de regras, mas também à saúde de um povo. Essa moral acaba criando um ser humano que entende “do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria” (NIETZSCHE, 1998, p. 30). Por não esquecer está sempre remoendo em sua memória. Neste constante ruminar, este ser humano comum separa os seres humanos em dois polos, os bons e os maus.

Como vemos no verbete “Ressentimento” no *Dicionário Nietzsche*, esse ser humano do rebanho “diz que o outro é mau para, a partir da negação do outro, sentir-se bom, ainda que de forma aparente” (MARTON et al., 2016, p. 365). Ou seja, o forte cria o valor de bom para si e após entrar em contato com o outro ele cria o valor de ruim. Já o fraco primeiramente cria o valor de mau tendo contato com esse espírito forte e, a partir disso, assume que o bom é ele mesmo já que é oposto ao forte. Esse fraco não cria, ele apenas reage a algo que já existe.

Adiante, no parágrafo 13, podemos ver que esse ser humano do rebanho acha que existe um sujeito atrás da ação, mas “não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir [...] – a ação é tudo” (NIETZSCHE, 1998, p.36). Da mesma forma que os impulsos formam o consciente e o inconsciente, eles agem. Essa eterna luta entre forte e fraco, a vontade-de-mais-poder agindo. Salientamos que Nietzsche fala do *devir* neste trecho. Aqui, novamente, apresenta a ideia do constante vir-a-ser do universo. Por não entender esse movimento, esses espíritos do ressentimento sustentam que “o forte é *livre* para ser fraco” (NIETZSCHE, 1998, p. 36), mas escolhe não sê-lo. Dessa forma eles dizem a si mesmo, não somos maus, pois escolhemos ser os bons. Lembrando que, para os fracos, bom é o que não ataca.

Assim, o “não-poder-vingar-se chama-se não-querer-vingar-se” (NIETZSCHE, 1998, p. 38) dos fracos. Eles transformam a inevitável luta entre fortes e fracos em uma possibilidade. Essa é a forma encontrada para dizer que se escolheu não agir,

quando na verdade, não haveria possibilidade do fraco agir. O exemplo histórico que Nietzsche mostra em seu texto é a luta entre Roma e Judeia, sendo o primeiro o forte e o segundo o exemplo do fraco. Neste caso, Nietzsche aponta que Judeia venceu. Mais adiante, ele mostra que na Renascença houve uma retomada do ideal clássico, mas que *Judeia* venceu novamente com a Reforma. No final da primeira dissertação, Nietzsche põe alguns questionamentos ao leitor sobre a possibilidade de um retorno dessa luta, ao menos um retorno claro, pois a luta entre forte e fraco sempre existirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

MARTON, S. et al. Dicionário Nietzsche / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo : Edições Loyola, 2016. – (Sendas & veredas).

NIETZSCHE, F.W. Genealogia da moral : uma polêmica; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

Artigo

ARALDI, C.L. Nietzsche como crítico da moral. *Dissertatio* [27, 28], 33 – 51 inverno/verão de 2008.

ARALDI, C.L. A fisiologia e o problema do valor na genealogia de Nietzsche. *Sofia, Vitória (ES)*, v.6, N.2, P.3-12, Jul./Dez. 2017.